

## OPINIÃO

# Antes e depois de Darwin


**MAURÍCIO CORRÊA**  
Advogado

O mundo se divide em dois períodos: antes e depois de Darwin. Essa afirmação constou do noticiário da imprensa londrina, em abril de 1882, por ocasião de seu sepultamento na Abadia de Westminster. Comemora-se no dia 12 próximo o bicentenário de seu nascimento ocorrido em Shrewsbury, na Inglaterra. Era de família rica pertencente à aristocracia inglesa. Filho de pai e avô médicos; o avô era também poeta, inventor e filósofo. Deixou inventos e obras sobre medicina e botânica. Seu mais conhecido trabalho, entretanto, é sobre zoonomia, ciência que trata da fisiologia animal. Inspirado no avô, que já escrevera sobre a transformação das espécies, manifestava Darwin especial interesse por essa ciência.

Estudante de medicina, viu-se que não tinha aptidão para ser médico, optando seu pai por matriculá-lo num seminário anglicano. Ao verificar também que não tinha queda para ser padre, veio a Darwin o desejo de conhecer o renomado professor de botânica John Henslow, em Cambridge, com quem, por fim, conversou horas a fio sobre temas de sua predileção. Passado algum tempo, impressionado com seus conhecimentos, Henslow recomendou-o ao capitão Fitzroi, comandante do navio inglês HMS Beagle. A embarcação zarpou, em breve, levando a bordo expedição científica que percorreria as costas da América do Sul. Darwin pegou carona e partiu.

O barco seguiu para o Brasil, Uruguai e Argentina. Coletou milhares de espécies. Subiu o litoral do Chile e chegou às Ilhas Galápagos. Se sua cabeça já fermentava ideias sobre a evolução das espécies, pode-se dizer que foi aí que as maturou. Em contato com animais da ilha do arquipélago, deu conta de que, de algumas delas, tanto tartarugas quanto pássaros, como os tordos-dos-remédios, proviam de indivíduos idênticos, embora com características anatômicas distintas. As transformações sofridas se impuseram em consequência do meio ambiente em que passaram a viver.

Os espécimes coletados eram enviados para o professor Henslow, em Londres, que aceitara a incumbência de estudá-los e guardá-los. Seguiu viagem até a Oceania e vizinhanças, de onde retornou para seu país. Além do grande acervo que enviou para casa, levou consigo 1.529 espécimes conservados em álcool e 3.907 peles, ossos e outros animais desidratados. Nos cinco anos da viagem, leu farta bibliografia de temas científicos, que selecionou, ou que lhe foram recomendados. Continuou em Londres a fazer pesquisas e a reunir material para acrescentar ao livro que condensaria suas ideias. Afinal, pensava, a natureza nada mais é do que uma oficina que caminha sozinha e "a evolução era a economia da vida."

Quando se debruçou em pesquisas de cracas — pequeninos crustáceos marinhos com carapaças calcáreas —, convenceu-se ainda mais da correção de que a vida é resultado da seleção das espécies. Entusiasmado, escreveu para Henslow e ao amigo Joseph Hooker, que se achava na Índia, dando notícias da novidade. Certas espécies desses minúsculos animais, comumente hermafroditas, degeneravam seus componentes masculinos de larvas em parasitas permanentes, no corpo das fêmeas. Foi, no entanto, Alfred Wallace, então nas Molucas, que o encorajou a publicar a *Origem das espécies*. Comunicava a Darwin, em longa carta, as conclusões que, sem o saber, coincidiam com o darwinismo. Com esse fato e os incentivos de Hooker e Haeckel, este, outro amigo naturalista, veio a decisão. Foi publicada enfim o livro, após 20 anos de hesitações e perplexidades.

Darwin sabia que sua teoria contrastava com a *Bíblia* e com os fundamentos teológicos.

A anglicana Inglaterra e o mundo não o perdoariam jamais. Esse o paradoxo que vivia. Assim como Einstein que, embora tido como crente em Deus, era ateu, termo que, por cautela, evitava, também Darwin, seguro, no fundo, de que os seres vivos eram produtos da evolução, tornou-se descrente. Afirmando que o teísmo e a evolução poderiam ser compatíveis, disse certa vez que "agnóstico seria a descrição mais correta de meu estado de espírito". A um admirador da Holanda respondeu que Deus está "além do âmbito intelectual do homem". Com Francis Collins, diretor do Projeto Genoma, e um dos mais respeitados geneticistas da atualidade, aconteceu o contrário. De ateu, converteu-se ao cristianismo. Defendeu em a *Linguagem de Deus* que o evolucionismo pode perfeitamente conviver com a religião.

Darwin ia ser enterrado em Downe, onde passou a maior parte da vida. O carpinteiro Lews, amigo de muitos anos e seu ex-emprego, confeccionou o caixão, a pedido da família. Alguém sugeriu que seu corpo fosse enterrado na Abadia de Westminster. A comunidade científica apoiou. O clero anglicano também. No dia do sepultamento, sermões e homilias proclamaram que a seleção das espécies não era contrária ao cristianismo.

Darwin abriu novos horizontes para a vida científica. À *Origem das espécies* somam-se as conquistas sobre genética, que confirmam o que dissera. À parte aspectos religiosos, impossível pôr em dúvida, sobre o ponto de vista estritamente científico, o que a obra conceituou. A vida na Terra resulta da evolução das espécies pelo processo de seleção natural. Certo, pois, que o mundo nunca mais foi o mesmo depois de Darwin.



## O professor não tem prestígio


**JAIME PINSKY**  
Historiador, doutor e livre docente pela USP, professor titular da Unicamp, coordenador e coautor do livro *Ensino de história e criação do fato*, entre outros

[www.jaimepinsky.com.br](http://www.jaimepinsky.com.br)

O professor perdeu prestígio. A notícia parece mais velha do que andar pra frente, como diria minha tia Ana, mas agora vem associada a outra: o país forma cada vez menos professores. A carreira atrai menos gente. O diretor do Colégio Bandeirantes, um dos melhores de São Paulo, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, diz que houve desvalorização da carreira do magistério. Um pesquisador da USP alerta que "apenas 2% dos estudantes de escolas médias de ponta declaram que vão prestar vestibular para ser professor". Isso significa que professores são formados entre os que cursam escolas menos boas. São, portanto, menos preparados. E vão encontrar pela frente alunos cada vez mais difíceis. O resultado, todos sabemos: o Brasil é mais conhecido no mundo pela indisciplina e incontinência etílica e sexual de seus jogadores de futebol do que pelos resultados obtidos por seus estudantes.

Não sei se esse quadro é reversível, a esta altura do campeonato. Mas dá para analisar a questão de forma um pouco mais complexa do que simplesmente esmolar por mais prestígio, como se isso pudesse ocorrer por decreto. De resto, esperar que baixe uma medida provisória por parte de um presidente que

não lê, assume que não lê, se orgulha de não ler e ainda tem mais de 80% de aprovação da população, é ilusão em estado puro.

Parte do problema tem a ver com a própria forma de os professores perceberem seu papel no mundo de hoje. Muitos deles se equivocam na sua relação com os alunos, uma vez que têm a pretensão de lhes fornecer informações, como se estivéssemos em pleno século 19 e o rádio, a TV e, principalmente, a internet não tivessem sido inventados. Crianças e jovens, mesmo de escolas públicas, são bombardeados com informações, não têm mais como serem preservados até que os pais e a escola decidam o que e como eles devem conhecer. Decidir quando é o momento de fazer o aluno ter contato com determinada informação era algo possível na era de Gutenberg, e essa já acabou.

Hoje cabe aos professores tarefa diferente, a de transformar informações em conhecimento, o que implica promover a articulação de dados fornecidos por um mundo aparentemente desconexo. E não são muitos os professores preparados para desempenhar esse papel. Transformar informações em conhecimento organizado, sistematizado, pressupõe conhecimento que está fora do alcance de mestres que nem sempre se preocupam, eles mesmos, em construir uma base teórica sólida, que implicaria ler livros e lê-los bem. Pergunta: qual o percentual de professores que faz isso?

Claro que uma parte do problema está com o poder público, com as autoridades educacionais. Salvo meia dúzia de municípios e duas ou três secretarias estaduais de educação não se nota preocupação em

fornecer aos professores livros de boa qualidade (mesmo que acessíveis, não adianta confundir educação continua com disciplina de pós-graduação) para que eles robustecem sua formação, solidifiquem sua massa teórica e atualizem sua prática em sala de aula. E dar livros não é o suficiente, há que se cobrar deles a leitura. Sim, professores devem ser cobrados, para que não se contine a nivelá-los por baixo. Não é aceitável que livro didático do professor continue sendo fonte única do saber daquele que é responsável pela educação dos alunos.

Para os professores recuperarem o prestígio social eles precisam, antes de mais nada, aumentar sua autoestima. Com mais autorrespeito poderão lutar por melhores condições de trabalho, por salários mais dignos, pelo reconhecimento de seu papel (que não é o de babás de alunos grosseiros e agressivos). Mas tudo passa por sua qualificação, para a qual órgãos de classe e governo deveriam se unir.

De pouco tempo para cá até técnicos de futebol, muitos deles analfabetos funcionais, passaram a ser chamados de professor. Imagine a grita se fossem denominados advogados, ou médicos, ou enfermeiros. Para os professores parece algo aceitável, até normal, ver um sujeito ululando ao lado do campo, gesticulando para as câmaras de TV (já que seus gritos não são ouvidos por ninguém num estádio cheio) ser chamado de professor.

Será que é assim que os professores se percebem? Patéticos? Gritando e não sendo ouvidos, fingindo ensinar para aqueles que ou já sabem, ou não vão aprender com eles? Os técnicos de futebol pelo menos ganham melhor.


**ARI CUNHA**  
visto, lido e ouvido

Desde 1960

[aricunha@diariosassociados.com.br](mailto:aricunha@diariosassociados.com.br)  
com Circe Cunha // [circacunha.df@diariosassociados.com.br](mailto:circacunha.df@diariosassociados.com.br)

## Plantar soja

A ideia de plantar soja refez a economia agrária do Brasil. Moradores de vários estados, principalmente do Rio Grande do Sul, adquiriram vastas áreas no cerrado. Encontraram razões de lucros. Não havia naquele tempo preocupação com a natureza. As matas não foram conservadas para o meio ambiente. Nem se sabia o que era isso. Hoje fazem falta. A seca em alguns lugares destruiu plantações. Surge o problema. Defensivos agrícolas eram jogados em terra e escorriam para os rios, comprometendo a vida dos peixes. Plantadores estão precisando de ajuda. A queda da safra atingiu a todos. Nessas horas, recorrem ao governo. A seca abalou plantações. Revisão para ser feita requer trabalho de preservação da natureza. O produto brasileiro tem alta cotação no mercado internacional. A venda não pode ser suspensa. Importadores são exigentes quanto a prazo e quantidade. Faltam estudos técnicos para o Ministério da Agricultura intervir no assunto. O ministro Reinhold Stephanes vai refazer planos, cuidadoso e perseverante como tem sido em atuações semelhantes.

### A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

**“Se dos moderados não se podem esperar decisões supremas, dos exaltados não se podem esperar decisões seguras”**

Joaquim Nabuco, sempre atual.

### Caesb

Muitas modificações estão sendo feitas nas redes de água e esgotos. A cidade está com asfalto e passeios cortados para a execução das obras. No meio do caminho vem a insatisfação pública. O povo reclama da falta de conforto e de explicações sobre a razão das obras.

### Zip

#### constitucional

A Câmara Legislativa aprovou lei. Foi sancionada. Houve razões para a suspensão. O Ministério Público está pedindo satisfação, já que foi votada. Jair Tedeschi é contra. Alberto Fraga, a favor. O governador José Roberto Arruda é cuidadoso. Está procurando meio jurídico para manter sua posição, que é a favor da cidade.

### Fazendinha

À altura do Setor Militar há plantação de mangueiras com idade de 50 anos. Ali está barraco de madeira resistente ao tempo. É uma pequena fazendinha que permanece inatingível mesmo com o tempo. Vamos conhecer os usuários para contar a história nos 50 anos de Brasília.

### Arborização

Departamento abençoado tem sido o Departamento de Parques e Jardins. Ozanã Coelho de Alencar segue com o mesmo entusiasmo de outros tempos. Fez equipe com Janaina

Lima Martins, Maria das Graças Rodrigues, Raimundo Gomes Cordeiro, Raimundo Moreira Lima Filho, Saulo Costa Uchoa e Simone Cruz de Lima. As fotografias são destaque técnico. Nasceu o livro *Arborização humana do Distrito Federal*. Conta a história e espécimes do cerrado. Ilustra qualquer biblioteca.

### Metrô caro

Transporte em Brasília está caro por causa dos custos. É bom lembrar: quando o Japão recebeu ordem dos países dominadores para gastar em obras públicas, o caixa baixou. A linha do trem-bala tinha percurso pequeno. O Japão ampliou a rede. Hoje cobre boa parte do continente e ilhas. É lucrativo o trem-bala japonês.

### Energia

Camargo Corrêa ingressa no campo de produção energética. Comprou a VBC Energia, que controla a CPFL. São empresas ligadas à Votorantim, com atuação principalmente em S. Paulo e Rio Grande do Sul. O projeto é reduzir déficit de energia. Está à vista que o Brasil continua em crescimento.

### IPVA

Suspiro popular. O IPVA é o primeiro imposto a baixar a cota. Os automóveis estão caros, faltam ruas e estradas. O governo pensante a favor do povo, o que é bom resultado. José Roberto Arruda consegue o tento sonhado.

### HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O instituto dos Arquitetos criticou a Fundação Hospitalar de Brasília porque o edital de concorrência publicado para a construção de hospitais no DF não satisfaz às condições mínimas para se fazer um orçamento. (Publicado em 21/1/1961).